

Documentação

SOCIOAMBIENTAL JB (outras opiniões)

Fonte

Data 20/9/2002 Pg. 113

Class. 3



**LEONARDO BOFF**  
TEÓLOGO

## Contradição insustentável

O “desenvolvimento sustentável”, fórmula mágica com a qual o sistema mundial de convivência e de produção pretende resolver os problemas que ele mesmo criou, representa, por mais oficial que seja, uma contradição, um equívoco e uma ilusão.

É uma contradição, pois os dois termos se rejeitam mutuamente. A categoria “desenvolvimento” provém da área da economia dominante. Ela obedece à lógica férrea da maximalização dos benefícios com a minimalização dos custos e do tempo empregado. Em função desse propósito se agilizam todas as forças produtivas para extrair da Terra literalmente tudo o que é consumível. Ela vem torturada pela tecnociência e submetida a um assalto sistêmico de suas riquezas no solo, no subsolo, nos ares e nos mares. O resultado é uma produção fantástica de bens materiais e serviços, mas distribuídos sem justo equilíbrio. Essa falta de equilíbrio está destruindo a paz entre os povos e ameaçando a biosfera, submetida a estresse quase insuportável.

A categoria “sustentabilidade” provém do âmbito da biologia e da ecologia, cuja lógica é contrária àquela desse tipo de “desenvolvimento”. Por ela se sinaliza a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico e se enfatizam as interdependências de todos, garantindo a inclusão de cada ser, até dos mais fracos. Como se depreende, unir esse conceito de sustentabilidade ao de desenvolvimento configura uma contradição nos próprios termos.

Dizíamos ainda que o “desenvolvimento sustentável” representa um equívoco. Sim, pois, se alega como causa aquilo que é efeito. Diz-se que a pobreza é a causa da degradação ecológica. Portanto, quanto menos pobreza e mais desenvolvimento, menos degradação. Analisando, porém, as causas reais da pobreza e da degradação, vê-se que resultam exatamente do tipo de desenvolvimento praticado. Ele

**O navio está vazando água por todos os lados**

explora as pessoas, empobrecendo-as, e delapida a natureza em seus recursos, degradando-a. Por isso, a utilização política da expressão “desenvolvimento sustentável”

representa uma armadilha do sistema: assume os termos da ecologia (sustentabilidade) para esvaziá-los e assim mascara a verdadeira causa do problema social e ecológico (tipo de desenvolvimento) que ele mesmo é.

Por fim, a fórmula “desenvolvimento sustentável” significa uma ilusão. Postula-se um desenvolvimento que se move entre dois infinitos: o infinito dos recursos da Terra e o infinito do futuro. A Terra seria inesgotável em seus recursos. E o futuro para frente, ilimitado. Ora, os dois infinitos são ilusórios: os recursos são finitos e o futuro é limitado, por não ser universalizável. Se a Índia quisesse ser como a Inglaterra, precisaria de duas Terras para explorar, como já dizia ironicamente Gandhi nos anos 50.

O “desenvolvimento sustentável” não é uma panacéia, mas um placebo. Persistir em aplicá-lo, é enganar o paciente, talvez, matá-lo. É o que tememos com a biosfera. Entender tal equívoco é entender o porquê do impasse na Cúpula da Terra, na Rio-92 e agora em Joanesburgo-2002. A categoria mestra é sustentabilidade e não desenvolvimento. Precisamos a Terra, a sociedade e a vida humana sustentáveis. Sem isso não há o desenvolvimento sustentável. É o que os senhores do “desenvolvimento (in)sustentável” não entendem. O *Titanic* está vazando água por todos os lados. Não temos tempo a perder. Importa despertar, senão pode ser tarde demais. Isso não é ser apocalíptico, mas simplesmente realista.